

4. Os Tembés Tenetehara

O objetivo deste capítulo é apresentar a etnia Tembé, localização, língua, história do contato, modo de vida. Como faz parte do tronco lingüístico Tupi, da família Tupi Guarani, da língua Tenetehara¹, partiremos do designativo Tenetehara até nos concentrarmos na aldeia Teko Haw, local onde está situada a escola alvo do presente estudo.

O termo Tenetehara, quer dizer “gente verdadeira”², um designativo que representa miticamente a encarnação perfeita da humanidade. Caso fosse feita uma tabela sobre a importância dos povos, os Teneteharas ocupariam o topo, esta autodefinição configura o ideal de autonomia e de liberdade para este povo, como também, tem a intenção de demonstrar força

A designação Tenetehara refere-se ao tronco lingüístico Tupi, que se subdivide em Guajajarás e Tembés. Os primeiros, em sua totalidade, localizam-se no estado do Maranhão, mais precisamente ao longo do rio Pindaré, no vale do Turiaçu afluente do rio Gurupi que demarca a fronteira entre os estados do Pará e do Maranhão. Dados da Funasa (2006) apresentam este povo como o mais numeroso do Brasil, por volta de 19 mil membros.

A história do contato dos Guajajaras é marcada por dois eventos que determinaram a disseminação de uma imagem de povo violento. O primeiro ocorrido em 1901, ficou conhecido como o massacre do Alto Alegre, quando uma missão capuchinha foi atacada pelos indígenas e dezenas de pessoas foram mortas. O segundo evento ocorreu em 1979, quando se confrontaram índios e fazendeiros da região do Grajaú. As versões sobre estes fatos são conflitantes, mas independente disto restou para a população que habitava e habita as proximidades a versão da “selvageria latente” dos indígenas. Aparentemente, em função disso também, esses meio-irmãos dos Tembés procuraram lugares mais afastados dos povoados para habitar.

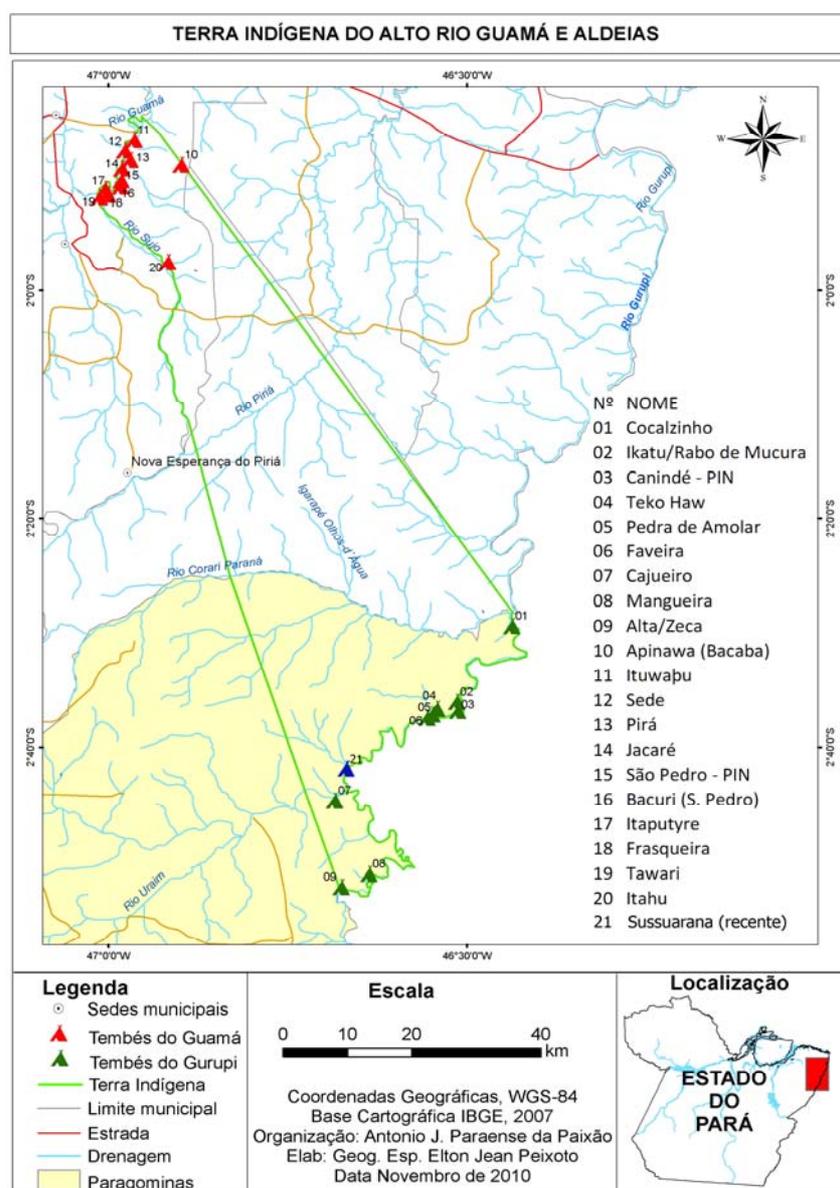
Os Tembés localizam-se no estado do Pará e estão subdivididos em três grupos básicos: Os Tembés Turiwara, os Tembés do Alto Guamá e os Tembés do Gurupi. Os Turiwara estão localizados na região do Rio Acará-miri no município

¹ Classificação segundo Grupioni (2003.)

² O lingüista Carl Harrison (1970, *apud* Gomes, 2002) afirma que a palavra Tenetehara é composta pelo verbo /ten/ (“ser”) acrescida do qualitativo /ete/ (intenso, verdadeiro) e o substantivizador /har (a)/ (“aquele” “o”), portanto aquele que apresenta integridade.

de Tomé-Açu a 260 km de Belém às margens da rodovia PA 140, contando com uma população de 12 famílias. Os outros dois grupos estão fixados na Reserva Indígena do Alto Rio Guamá (RIARG), estabelecida no Nordeste do estado do Pará, entre a margem do Rio Guamá e a margem esquerda do Rio Gurupi, limite sudoeste do estado do Pará com o Maranhão, numa área que engloba alguns municípios como Santa Luzia do Pará, Nova Esperança do Piriá, Paragominas e Ourém

Figura 1. Terra Indígena do Alto Rio Guamá e Aldeias



Enquanto Tembés do Pará, estes indígenas não podem ser caracterizados como grupos que mantêm entre si uma rede de relações (Barnes), poderiam ser

pensado como um *quase grupo* (*quasi-groups*) pensados “em função de interesses comuns que estão subjacentes” (MAYER, 2007, p.127). Quase-grupos aqui, estão como categoria para distinguir de grupo e das associações. Pode-se afirmar que as interações entre os três grupos (Turiwara, Guamá e Gurupi) são ínfimas, ou limitadas a encontros esporádicos entre as lideranças, normalmente realizados para discussão de problemas em comum, como o fundiário, por exemplo.

4.1. Sobre o contato / confronto

Por volta de 1615, segundo dados de Wagley e Galvão (1961, 23-25), uma expedição francesa manteve contato com índios do Alto Pindaré no Maranhão, próximo as cidades hoje conhecidas como Santa Luzia e Zé Doca, região central do estado. Exatamente quando os franceses são expulsos do Maranhão, por volta de 1653, os jesuítas aportam no Maranhão para iniciar trabalhos de catequese onde ficaram até 1759, quando foram forçados a abandonar a região. Estes foram os contatos iniciais dos Tenetehara com não índios. O contato com os franceses fora fortuito, no entanto, com os jesuítas a constatação é outra, pois são conhecidas todas as conseqüências da catequização desenvolvida pela companhia de Jesus junto aos indígenas ao longo do território brasileiro, gerando situações e mentalidade de dependência.

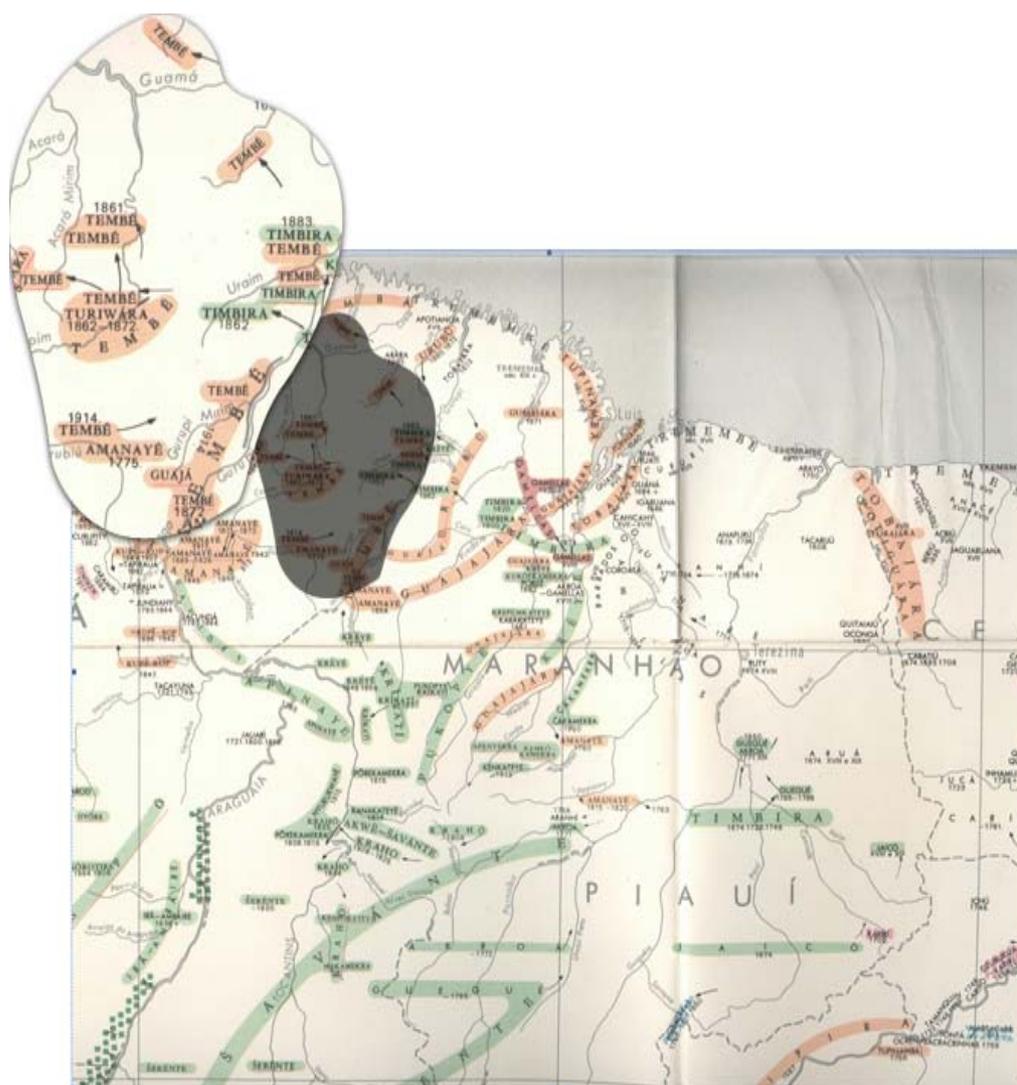
A seca que assolou o nordeste brasileiro nos anos de 1887-80 trouxe vários imigrantes dessa região para as regiões dos rios Pindaré e Gurupi, para que os mesmos trabalhassem na extração da copaíba³ e este novo contato vai marcar um momento de grande perda populacional para os Tenetehara, acometidos de varíola, sarampo e coqueluche. Além disso, muitos indígenas refugiaram-se nas matas para evitar maiores contatos.

Desse movimento, parte dos Tenetehara, conhecidos como Tembé, parte do rio Pindaré e Carú, no Maranhão até atingirem as regiões dos rios Capim, Guamá e Gurupi, ambos no Pará, permanecendo na região do Maranhão o grupo Guajajara. O grupo que migrou para o Pará se subdividiu em três frentes: um grupo atinge o rio Capim, outro grupo fixa-se no alto do Rio Guamá e o último

³ Copaíba (*Copaifera sp*) conhecida planta medicinal que fornece o bálsamo ou óleo de copaíba, líquido transparente e terapêutico, que é a seiva extraída mediante a aplicação de furos no tronco da árvore até atingir o cerne. O uso mais comum é o medicinal, sendo empregado como anti-inflamatório e anticancerígeno. Pelas propriedades químicas e medicinais, o óleo de copaíba é bastante procurado nos mercados regional, nacional e internacional. É presença comum nas residências das famílias que habitam a zona rural amazonida

grupo permanecerá mais próximo a fronteira do estado do Pará com o Maranhão, mas especificamente no médio Gurupi e ficará durante longo tempo dividido entre estes dois estados⁴. (ver figura 2)

Figura 2. Trecho do Mapa Etno Histórico de Curt Nimuendaju - 1944 - Destaque para os deslocamentos Tembés



F

Fonte: IBGE

A extração da copaíba trouxe dois problemas para este grupo: o primeiro foi a necessidade deslocamento constante das famílias, o segundo a exploração a que

⁴ Nos dias atuais, algumas aldeias como a do Teko Haw, separadas que estão do Maranhão apenas por 300 metros de rio, transitam entre os dois estados constantemente. Atravessam para ir pescar nos igarapés do Maranhão, fazem roça do “outro lado”.

foram submetidos pelos comerciantes do óleo que utilizavam a embarcação conhecida como regatão e que deu o mesmo nome a estes comerciantes.

Esta atividade extrativista forçava grandes deslocamentos e por duas razões :i) as inundações que ocorrem na primeira parte do ano, forçando as famílias buscarem locais mais elevados onde não houvesse risco de inundação e a produção não se perdesse; ii) a árvore da copaíba não pode ser sangrada em duas estações seguidas, caso contrário não produzem óleo de boa qualidade, com viscosidade suficiente. Esses fatores obrigavam as famílias a permanecerem pouco tempo na mesma região.

A exploração comercial que os regatões aplicaram aos indígenas pode ser lustrada pelo depoimento de Brusque (1862),

O índio em vossa província acolhe benigno no seio de sua maloca aqueles que o procuram. Certo disso não faltam aventureiros, que transpondo enormes distancias, penetram até o lugar de sua residência, e mediante o adiantamento de alguns objetos, que o índio reputa de subido apreço, dentro em pouco ganha império sobre a tribo, a qual governa a seu bel prazer. De então em diante, ninguém mais ali entra, e a vontade de regatão é a lei, que rege enquanto ele ali permanecer pelo tempo necessário a seus negócios. E o pobre índio lhe obedece cegamente... Ainda não é tudo.. Pois bem é o regaço da família, o terreno, em que o regatão exerce ás vezes a sua mais brutal ferocidade. Quando não seduz a esposa, rapta a filha e quase sempre arranca do grêmio da família tenras crianças que em seu regresso ao povoado reparte entre seus comparsas. E pobre índio desta região sofre humilde este duro tratamento, e acolhe de novo no ano seguinte o regatão e continua seu credor e régulo da mesma aldeia...(BRUSQUE, 1862, p. 12 *apud* NETO, 1971, p.32)

Esta exploração nem sempre foi acatada de modo tão pacífico. Em 1861 um grupo de 7 índios atacou um regatão e matou 9 pessoas, a conseqüência de tal “rebeldia” foi a extinção da aldeia pela ação do chefe de polícia que espancou os indígenas e enviou as crianças para a sede do município. Portanto, a extração da copaíba e a relação com os regatões marcam definitivamente a história destes povos que são obrigados a desenvolver defesas e estarem constantemente em movimento.

Para coibir a atuação dos regatões junto aos indígenas da região, o governo criou um sistema que ficou conhecido como sistema de Diretorias Parciais, que foi uma tentativa de melhorar a versão dos aldeamentos jesuítos outrora desenvolvidos. Este sistema consistia em promover aldeamentos indígenas e assim possibilitar um melhor gerenciamento das diversas situações. No entanto esta tentativa fracassou, pois estes ajuntamentos apenas ajudavam na proliferação

de doenças, de forma muito mais rápida. Outra grande consequência foi a liberação de grandes áreas para frentes extrativistas desenvolvida por grandes proprietários e os regatões também permaneciam explorando os indígenas em busca de ouro, de madeira e principalmente como remeiros. O sistema foi um verdadeiro malogro, pois não conseguiu cumprir os objetivos para os quais fora criado e de certa forma propiciou uma nova forma de exploração dos que deveriam ser seus protegidos (GOMES, 2002.)

Este sistema perdurou, no papel até a criação, em 1910, do Serviço de Proteção ao Índio, que passou a trabalhar com os chamados postos de atração. A região do Gurupi, entre 1911 e 1929 teve três postos, o primeiro posto denominado Felipe Camarão tinha como objetivo pacificar os índios urubu Kaapór, os Tembé que habitavam as cabeceiras do Gurupi, se aproximam das imediações do posto e serviram de intermediários entre os agentes do SPI e os Kaap'ór. O posto foi extinto em 1915.

Freire (2009, p.25) lembra quais os objetivos e ideologia subjacente a criação do SPI

criado, em 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional (Oliveira, 1947; Gagliardi, 1989). O projeto do SPI instituía a assistência leiga, procurando afastar a Igreja Católica da catequese indígena, seguindo a diretriz republicana de separação Igreja-Estado. A idéia de transitoriedade do índio (Oliveira, 1985) orientava esse projeto: a política indigenista tinha por finalidade transformar o índio num trabalhador nacional. Para isso, seriam adotados métodos e técnicas educacionais controlando esse processo, baseado em mecanismos de homogeneização e nacionalização dos povos indígenas. Os regulamentos e regimentos do SPI estiveram voltados para o controle dos processos econômicos envolvendo os índios, estabelecendo uma tipologia indígena para disciplinar as atividades a serem desenvolvidas nas áreas. Era uma classificação que definia o modo de proceder e as intervenções a serem adotadas, disciplinando a expansão da cidadania.

A política de atração dos povos objetivava controlar e transformar indígenas em “trabalhador nacional”, assim a proteção que o SPI oferecia tinha como prerrogativa tornar os indígenas iguais entre si, suprimindo assim, as especificidades de cada aldeia. A consequência mais evidente dessa política de aldeamento foi a liberação das terras indígenas para exploração agrícola do tipo intensiva.

Surgido em 1927, o Posto Pedro Dantas localizava-se próximo ao local onde os índios Kaapór realizavam a travessia da margem paraense à margem maranhense do rio Gurupi, e este posto resistiu somente dois anos e foi substituído

pelo posto Canidé. Estes postos são referências quando se trata de contato, pois a presença dos mesmos demarcam um momento novo na história, tanto do povo Tembé, quanto dos Kaapós. Os indígenas destas etnias buscaram fixar-se nas proximidades dos postos, isto é, os que restaram das diversas epidemias de sarampo. Então, a maioria das aldeias buscou fixar-se no médio Gurupi, região que permanecem até hoje. Importante relembrar que foi através destes postos de atração que a Funai, na década de 70, arregimentou inúmeros Tembés para trabalharem na Transamazônica em novos postos de Atração das etnias Assuruni do Xingu e Parakanã, mantendo assim, de alguma forma a ideologia do SPI.

A história do contato dos Tembés demonstra que a FUNAI os teve como parceiros, ou seja, “não criavam problemas”, no entanto, nos dias atuais, os Tembés continuam parceiros desde que as promessas sejam cumpridas. Entre os que atuam junto aos Tembés há uma máxima: “*para os Tembés só prometa se de fato puder cumprir caso contrario não se pode antever as reações*”. Hoje em dia tornou-se prática comum tornar autoridades ou algum representante oficial refém da aldeia, até que se abram negociações ou que suas reivindicações sejam atendidas. A Secretaria Municipal de Educação e a FUNASA pela natureza de sua atuação, e por estarem mais presentes na aldeia, acabam sendo os principais alvos dessas ações. Em 2006 a secretária em visita oficial ficou refém dois dias na aldeia Teko Haw e o fato criou um clima pouco amigável entre as lideranças e a dirigente. No mês de junho de 2010, o coordenador da Educação Escolar Indígena da prefeitura de Paragominas também ficou refém, o motivo foi a não construção de uma quadra poliesportiva na escola da aldeia, considerando que outras escolas já a possuem. Neste último caso, o próprio coordenador conseguiu contornar a situação, argumentando sobre sua situação, pois está há pouco tempo atuando e também por ter cumprido as promessas feitas.

Essas reações podem ser entendidas como estratégias da política indígena e reação a política indigenista equivocada desenvolvida pelos governantes. Quanto a esta relação, Cunha (2008) afirma que a tendência do olhar da sociedade brasileira sobre o contato dos indígenas com a sociedade em geral é sempre de pensar somente a partir das políticas indigenistas, retirando assim, qualquer protagonismo indígena nesta relação, ou na formulação de sua história, mesmo quando em desvantagem ou subjugados pelas armas, algumas populações

indígenas recorrem ao mito para demonstrar que sua escolha foi mal feita e por isso os brancos conseguiram vantagem sobre os mesmos.

4.2. Modo de vida⁵

As migrações ocorridas findaram por fixar os Tembés nos territórios onde atualmente habitam. Comumente os Tembés do Gurupi e mais precisamente os da aldeia Teko Haw são considerados os mais tradicionais.

Aqueles sim são índios de verdade, falam na língua e fazem tudo como antigamente (professora Cíntia⁶ referindo-se aos Tembés do Teko Haw),

Ainda que a fala traga uma série de idéias sobre o ser índio bastante questionáveis, serve para apontar a percepção que se tem sobre o modo de vida dos habitantes desta aldeia.

O acesso de Belém até a aldeia Teko Haw (ver mapa) acontece em várias etapas. Primeiro um ônibus intermunicipal até Paragominas e o pólo base da Funai de Paragominas ou a CASAI (Casa do Índio). Depois em carro particular ou ônibus cuja situação de conservação não é das melhores, em uma estrada de chão batido, conhecida como estrada do Sete (foto nº 1), segue-se até o assentamento da CAIP que é alcançado após aproximadamente três horas de viagem dependendo do clima; em caso de chuva o percurso pode demorar até 5 horas. Depois de moto ou carro tipo Off Road chega-se a aldeia do Cajueiro, que fica às margens do Rio Uraim. Neste rio, toma-se uma voadeira e depois de 20 minutos de navegação alcança-se o Rio Gurupi e duas horas depois se alcança finalmente a aldeia Teko Haw⁷.

⁵ As fontes para este tópico são variadas. São oriundas das falas de professores, referências bibliográficas, e principalmente do tempo de convivência com professores indígenas e não indígenas na escola da aldeia.

⁶ Nome fictício

⁷ Este percurso acontece em tempos de inverno, com pouca água. No ano de 2009, até este tipo de acesso ficou comprometido devido o volume de água, que não permitia nem chegar até a primeira aldeia. No período sem chuva, pode-se chegar com carro até a aldeia tomando vários atalhos por dentro de várias fazendas, neste percurso a viagem pode levar até 4 horas devido às condições da estrada.

Figura 3. Localização e acesso a Reserva Indígena do Alto Rio Guamá

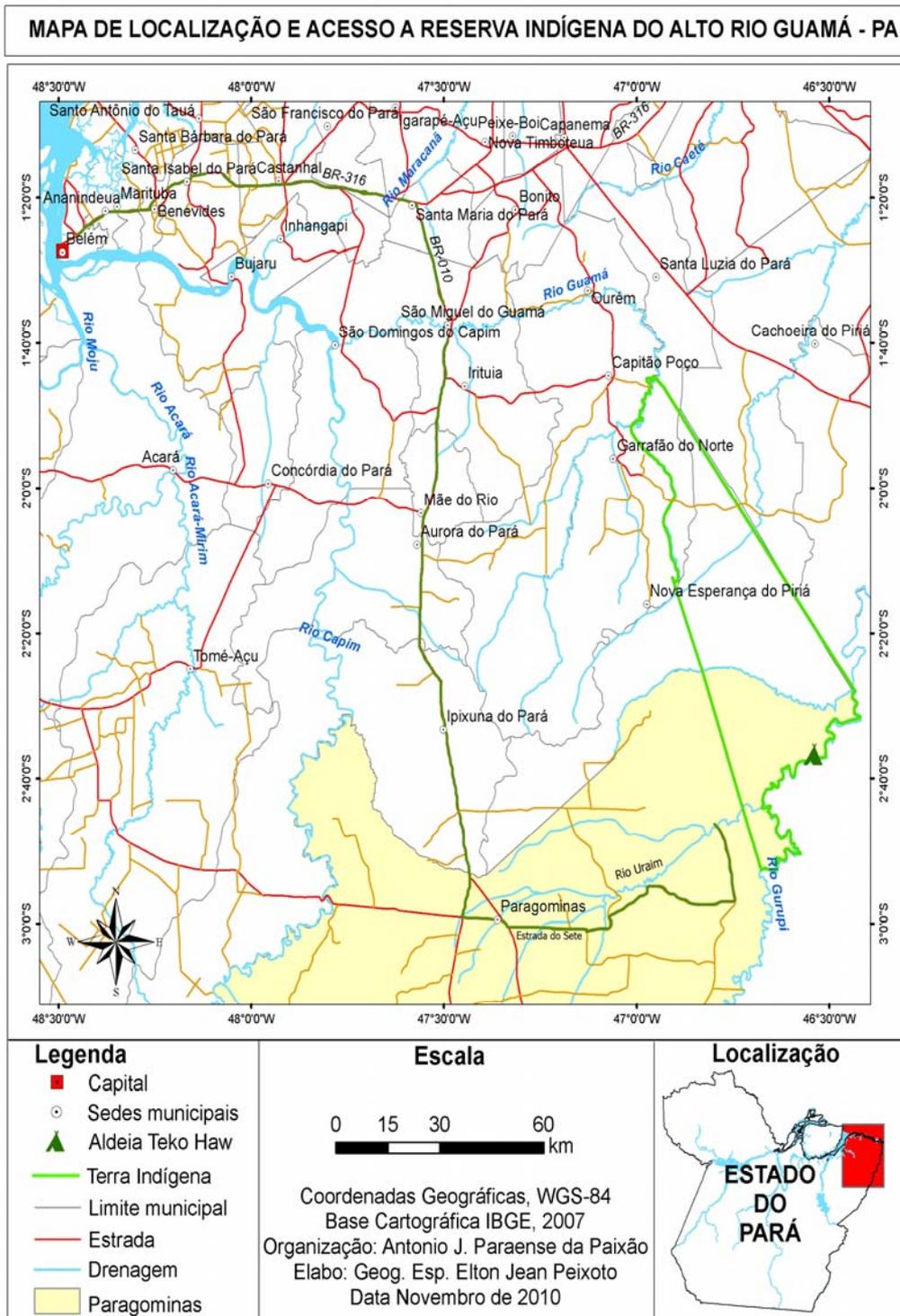


Figura 4. Estrada do Sete - trecho entre Paragominas e Assentamento Caip Segunda Parte do percurso até a aldeia Teko Haw



Fonte: acervo pessoal

Entre as aldeias Cajueiro e Teko Haw o rio Gurupi é bastante sinuoso e sua largura varia entre 1km e 1,5km. Se entrarmos no rio pelo período da manhã encontraremos várias embarcações normalmente conduzidas por indígenas das várias aldeias existentes ao longo do rio. No entanto, se a viagem for realizada no período da tarde, após o meio-dia, a possibilidade de encontrar outra embarcação é bem remota, a maioria dos deslocamentos dos indígenas pelo rio Gurupi ocorre pelo período da manhã, por dois motivos: o primeiro é que a maioria dos serviços oferecidos nos povoados mais próximos ocorrem até as 13 horas; a segunda razão é por conta do calor, o rio exala um mormaço que torna a viagem estafante. Quanto mais se aproxima das 18h, mais os indígenas se afastam do rio por causa do mosquito da malária, doença que já dizimou muitos deles e que ainda é presença entre os mesmos, alguns professores não indígenas já passaram por esta situação.

Seguindo em direção à aldeia Cocalzinho ou Canindé, 5 km abaixo, as duas últimas da reserva, encontram-se muitas pedras que causam espanto para os primeiros navegantes, as mesmas, no período de menor volume de água ficam em média 5 metros acima do leito do rio e são em bastante número. Junto as mesmas forma-se um trecho extenso de corredeiras (foto) perigosas, perigo não

demonstrado face a tranquilidade do indígena responsável pela condução da embarcação. Este local, durante algum tempo deu nome a aldeia Teko Haw que se chamava aldeia Igarapé das Pedras.

Figura 5. Trecho do rio Gurupi que durante algum tempo batizou a aldeia Teko Haw



Fonte: acervo pessoal

Para os Tenetehara, diante das incontáveis investidas de regatões, de invasores, a escolha por lugares de difícil acesso se tornou um requisito de defesa, que mesmo assim não se mostrou tão eficaz.

Na RIARG os índios organizam-se em 20 aldeias sendo 10 dos Tembé do Guamá e o restante dos Tembé do Gurupi.

Interessante notar que os pontos extremos ao sul da reserva são ocupados por duas aldeias, Cocalzinho e Alta Zeca, que se tornaram estratégicas na condução da defesa da reserva.

A aldeia do Teko-Haw conta com aproximadamente 342 habitantes, que têm acesso a infraestrutura básica como abastecimento de água, energia solar, um serviço de rádio para contato com a sede do município e as outras aldeias, casa de farinha, posto médico, escola e o campo de futebol localizado no centro da aldeia. A energia elétrica está disponível entre as 18h e 22h originada por motor a diesel, que está fixado na escola e o combustível é fornecido pela prefeitura municipal de Paragominas através da Secretaria Municipal de Educação. A Funasa e a Secretaria Municipal de Educação disponibilizam voadeiras para atender as

aldeias e transportar os seus funcionários e serve a aldeia para uma eventualidade. Alguns moradores possuem pequenos barcos para sua locomoção entre as aldeias e até Paragominas.

A Palavra Teko Haw, segundo Gomes (2002) quer dizer Morada “lugar de vivencia”, perguntando aos alunos eles nos informam que o termo quer dizer “Lugar de gente”. Entre os Tupinambá designava uma unidade política, com autonomia nas suas decisões sem precisar consultar as outras aldeias. Interessante que esta é a maior aldeia do Gurupi e a liderança local é bastante atuante no que concerne as reivindicações dos indígenas da região.

A aldeia tem aspecto de vilarejo, as casas estão dispostas com sua frente voltada para as ruas que são bem definidas, não são caminhos estreitos, são de fato ruas, esse ordenamento pode advir,

da ansiedade dos Tenetehara serem bem vistos pelos Karaiw. Mas também calava fundo no sentimento político Tenetehara que queria que algum embasamento concreto para frear a tendência autonomista de sua cultura. Uma aldeia bem arruada refletia, assim, na mente dos Tenetehara, uma ordem política bem arranjada, com lideranças reconhecidas e acatadas em sua representatividade diante dos Karaiw, com atividades econômicas equilibradas, enfim com capacidade de atuação política e, especialmente, com reconhecimento e o respeito das aldeias vizinhas (GOMES, 2002, p. 87).

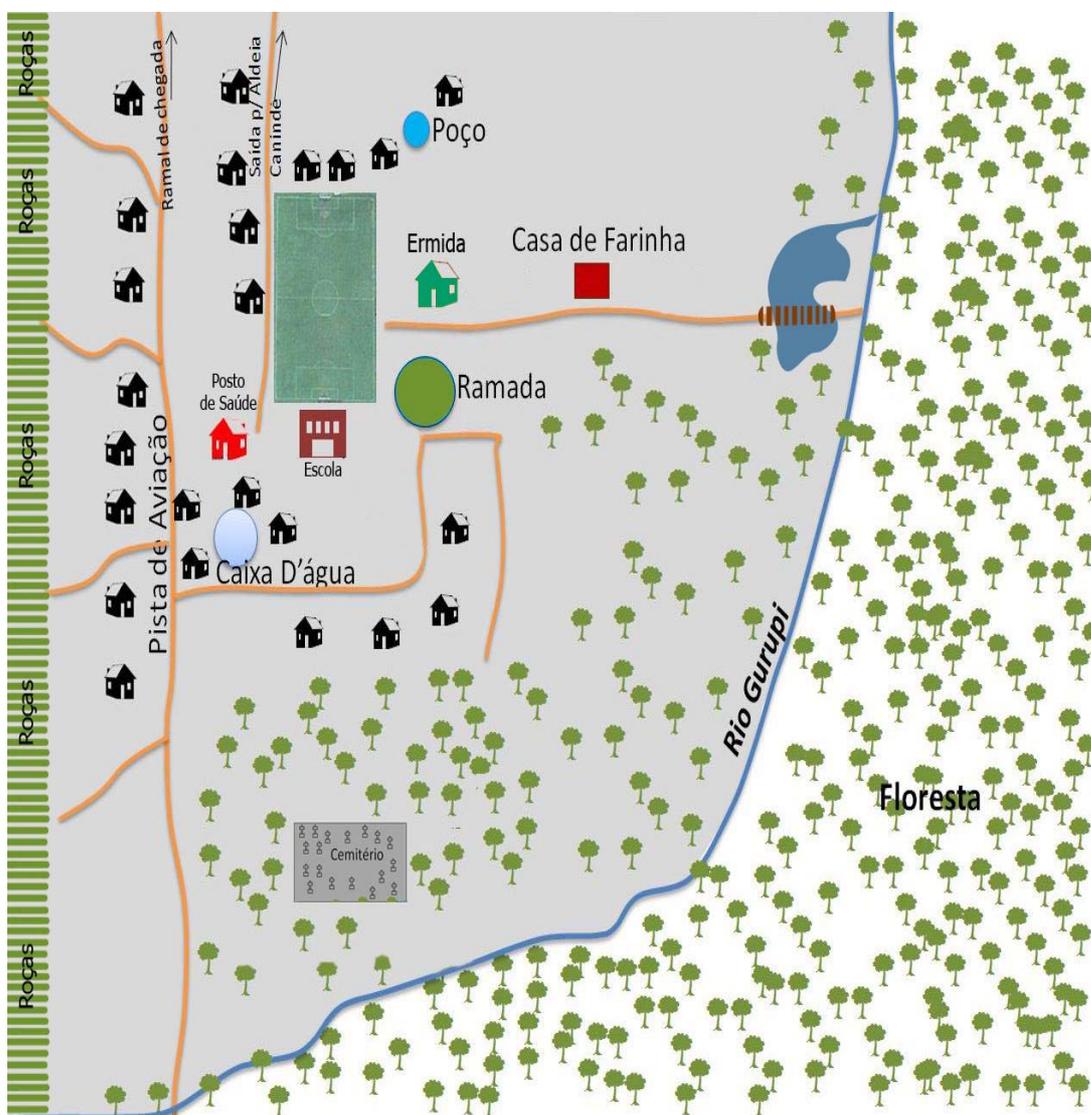
As casas da aldeia são de três tipos, umas de pau a pique, outras de madeiras e outras, em número menor, de palha. Os dois primeiros tipos, têm sua cobertura de palha de ubim ou de cavaco⁸ e o terceiro sempre cobertas de palha. O piso das casas é chão batido. Todas possuem divisões internas como sala, quarto e cozinha, em algumas das casas, o fogão se localiza no lado de fora, próximo ao jirau. Não possuem muitas janelas, normalmente duas somente. Por serem cobertas com palhas mantêm uma temperatura amena. Algumas não possuem todas as paredes externas dando a impressão de inacabadas, mas ao entrarmos no espaço, pela disposição dos utensílios a idéia que se tem que é aquele é o formato finalizado. Estas formatações nos dizem algo sobre a vida econômica da aldeia e também da divisão que ocorre na mesma. Há um grupo de famílias com poder aquisitivo mais baixo, vivendo quase que exclusivamente da produção de sua roça e outro grupo com poder aquisitivo um pouco melhor, normalmente com algum membro da família em algum cargo público como os professores, por exemplo.

⁸ Espécie de corte feito na madeira em formato aproximado de uma telha

As casas que possuem todas as paredes são habitadas, pelo menos um membro, com poder aquisitivo diferenciado

Há outra divisão os que residem na “rua de baixo” que está próxima ao campo de futebol na qual está localizada a residência da liderança (única construção em alvenaria da aldeia) e os da “rua de cima”. Os moradores da rua de baixo são, em sua maioria, parentes próximos da liderança, (mãe, irmãos, sobrinhos, primos). Esta proximidade significa também desfrutar do acesso a alimentos, ao transporte. Pode-se dizer que os moradores da “rua de baixo são mais privilegiados” (professor Haroldo)

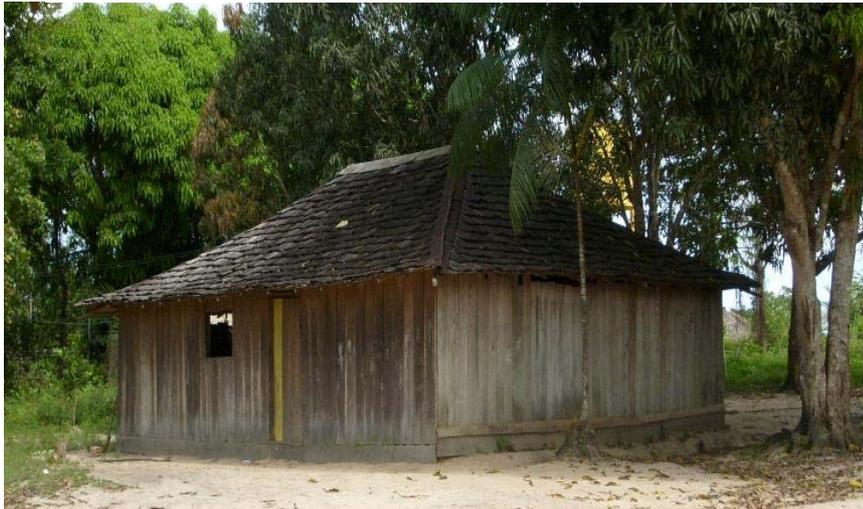
Figura 6: Croqui da Aldeia Teko Haw



Fonte: Acervo pessoal

As casas não possuem formato padrão e isso se deve também ao fato de que a aldeia apesar de ser na sua grande maioria Tembé, existem moradores de origem Kaapór e de origem Timbira, as casas destes normalmente são de palhas (foto 3), as sem paredes como descritas acima são dos Kaapor e as outra dos Tembé.

Figura 7. Casa de Madeira - Tembé



Fonte: acervo pessoal

Figura 8. Casa de Palha – Timbira



Fonte: Acervo pessoal

A base da alimentação da aldeia está na caça e na pesca, principalmente no período não chuvoso. Cena comum na aldeia Teko Haw são as crianças, indistintas de sexo, pescando piabas que são tratadas lá mesmo na beira do rio e

que são fritas e consumidas com a chola⁹. Este costume foi assimilado pelos professores que atuam nas escolas localizadas nas aldeias. A pesca é realizada com anzol ou com as redes de espera que ficam “armadas” de um dia para o outro no rio Gurupi ou na entrada de algum igarapé que nesse rio desemboque.

A outra atividade é a caça, esta específica para os homens. Os animais caçados são o catitu, cutia, paca, anta, tatu, gauriba, jacu, mutum, queixada e o jabuti. Este último é o único alimento permitido na semana santa, período em que os Tembés realizam uma semana de caça ao jabuti, interrompendo assim as aulas.

A agricultura também é praticada, mas ainda utilizam a coivara (derrubada e queima da mata derrubada). A maior cultura é a da mandioca que segundo eles tem quatorze tipos diferentes. É da mandioca que preparam a farinha ingrediente que não pode faltar na alimentação Tembé¹⁰. O trato da mandioca é uma atividade que envolve toda a família, dos mais velhos aos mais novos, esta atividade também interfere no cotidiano das escolas, pois as crianças normalmente pedem para acompanhar os pais nesta caçada, a “escola fica vazia” (fala de professores não indígenas).

O açaí e a bacaba são complemento nas refeições dos Tembés, nas proximidades das residências podemos encontrar algumas plantas que também podem ser consumidas: urucum, limoeiro, etc. Há também o genipapo de onde retiram a tinta para a pintura corporal. O hábito da pintura corporal durante algum tempo ficou esquecido, mas nos últimos cinco anos a prática vem sendo retomada inclusive com a ajuda da escola.

Devido à proximidade do assentamento Caip as aldeias já consomem produtos industrializados, como sal, óleo, açúcar, café (bastante consumido), bolacha, leite, algumas carnes em conserva. Pela manhã há uma moto percorrendo a aldeia oferecendo pão. Os que recebem ajuda do governo ou possuem alguma fonte de renda fixa, costumam deslocar-se até Paragominas e realizam as “compras do mês” .

O lazer é preenchido pelos adultos normalmente pelo jogo de dominó. As crianças gostam de jogar pião, brincar com os animais de estimação, como cachorros e alguns porcos do mato, estes últimos quando atingem idade adulta são

⁹ Uma espécie de pirão cru onde se mistura a chamada vinagrete com farinha.

¹⁰ Os paraenses em geral recebem o apelido de papa chibé por serem grandes consumidores da farinha de mandioca e a mesma tem uma grande influencia na economia das populações rurais paraense.

consumidos pela família quando não fogem para a mata. Remar, pescar e nadar no rio Gurupi são bastante apreciados pelos menores normalmente estas atividades são desenvolvidas com a supervisão das mães quando estão lavando roupas às margens do rio. No entanto, o futebol ocupa lugar de destaque entre os moradores da aldeia, praticado tanto pelas meninas quanto pelos meninos.

Em 1940, Wagley e Galvão (1961, p. 39) descrevem a organização do povo Tembé, descrição que ainda hoje pode ser utilizada com ressalvas, pois algumas mudanças ocorreram e vêm ocorrendo ao longo do tempo, a mais sensível é o fato dos mesmos evitarem casamento com a população ribeirinha preferindo ligações com os Kaapór povo vizinho, os autores observaram que:

a unidade mais importante na estrutura social Tenetehara é a família extensa, constituída por um número de família simples, reunidas por laços de parentesco. É mais importante que a família biológica (homem, esposa e filhos) porque além de constituir a base da produção econômica é mais estável e subsiste ao rompimento das famílias simples o que garante maior segurança ao indivíduo... *Teoricamente*, a família extensa é baseada no controle de um homem sobre um numero de filhas. (grifo meu)

O termo “teoricamente” deve ser ressaltado porque no caso específico da aldeia Teko Haw, por exemplo, a mesma já foi liderada por longo tempo pela capitã Verônica, mas é uma exceção porque a tradição de líderes homens ainda é a mais presente na atualidade. A liderança feminina ocorre por herança de seu esposo, mas é vista como situação transitória pois a autonomia do grupo e sobrevivência se apóia na personalidade da líder, ou seja, a herança não tão natural assim, pois se a esposa não tiver espírito de liderança a herança não ocorrerá. Esta afirmação está pautada no caso específico de Dona Verônica, que ainda hoje, com movimentos bastante limitados por causa da idade e da perda de visão, permanece sendo referencia para assuntos ritualísticos na aldeia.

A residência pós-casamento era do tipo uxorilocal¹¹, mas o contato também modificou esta característica, já que muitas moças foram levadas pelos regatões, outras mais recentemente, preferiram ir morar nas cidades de Belém, ou municípios próximos à aldeia, casando com não índios e muitas vezes trabalhando como domésticas, dessa forma os chefes não tinham como expandir nem manter as famílias extensas.

¹¹ Casamento cuja formatação impele o homem a habitar na família da mulher.

Estas famílias estão sempre sujeitas a cisões, fato recorrente na região do Gurupi e também do Guamá. Os motivos que desencadeiam estas cisões nestas aldeias, ainda não estão suficientemente estudadas. Apesar de existirem vários estudos sobre este fenômeno em alguns grupos de indígenas brasileiros. Alguns motivos podem ser elencados: a distribuição e forma de produção nas aldeias, discordâncias em relação a tomada de decisões por parte da liderança. Ocorridas as cisões o grupo dissidente parte em busca de outro lugar e lá se instala e passa a ter vida independente¹².

Para que o grupo permaneça coeso e as cisões sejam menos frequentes, as lideranças têm papel fundamental. No entanto, ao se tratar deste tópico é possível identificar nas aldeias dois tipos de lideranças, aqui as definirei como liderança cultural e liderança para política externa. A liderança cultural é referência quando se trata de temas como saberes tradicionais, língua, rituais e temas mais domésticos da aldeia.

A liderança para assuntos externos à aldeia, assuntos que tratem das relações interétnicas. Espera-se desta liderança capacidade de articulação junto às autoridades, que promova, ou que busque melhorias estruturais para aldeia, acesso aos serviços públicos como educação, saúde e transporte e principalmente ter conhecimento mínimo sobre o funcionamento da sociedade nacional. Na aldeia Teko Haw este papel é desempenhado por Sérgio Muxi Tembé, filho da liderança cultural.

Na aldeia Teko Haw a liderança da política indígena é partilhada, pois estas lideranças não tomam decisões sem antes consultar a comunidade. Podem sim levantar idéias, mas não podem decidir pela comunidade como um todo.

Os Tembés do Teko Haw realizam reuniões periódicas, para discutir situações da aldeia, e estas reuniões são respaldo para as ações da liderança. As reuniões são bastante demoradas podendo levar o dia inteiro com pausas apenas para o almoço, mas os participantes podem se ausentar e voltar das mesmas sem problemas. Estas reuniões são freqüentadas em sua maioria por homens, mas as mulheres também se fazem presente.

As reuniões sempre ocorrem na Ramada, que também serve como espaço para as festas e cantorias próprias da aldeia. A ramada é uma construção quadrada

¹² Este fenômeno será retomado no capítulo 5 quando trataremos da relação entre escola e comunidade.

medindo mais ou menos 7 metros de lado, coberta de palha de ubim, com uma espécie de arquibancada e o chão é de cimento com algumas falhas causadas pelo desgaste do tempo. A ramada é o parlamento, templo e salão dos Tembés (foto 3). Freqüentar a ramada durante as reuniões sem pertencer a etnia, pode acontecer por vários motivos, mas os principais seriam: i) ser cobrado por algo pertinente ao cargo ocupado e que de certa forma atinge a aldeia;ii) para participar de algum ritual ou cerimônia, neste caso é uma deferência estar entre eles, normalmente isto é conseguido depois de uma certa convivência ou confiança conquistada.

Figura 9. Ramada da aldeia Teko Haw



Fonte: acervo pessoal

4.3. Situação fundiária

O estado do Pará é considerado o estado com maior índice de crimes motivados por questões fundiárias¹³ e os indígenas do estado e em especial os Tembés não estão imunes a esta situação. Mas esta situação não é recente como recomenda Doddt (1939, p.169)

Parece-me que seria necessário que o governo lançasse suas vistas sobre essa população, que até esta parte tem ficado completamente em esquecimento; e isso, ainda mais, como as terras do Gurupi são ameaçadas de uma invasão de gente baixa do sertão da Imperatriz que, ignorante quanto possível, ao mesmo tempo tem todos os vícios da raça branca e da preta, das quais nasceu, sem ter suas boas

¹³ A CPT, registrou de 1985 a 2007, 1.117 ocorrências de conflitos com a morte de 1.493 trabalhadores.[...]. Destas 1.117 ocorrências, só 85 foram julgadas até hoje, tendo sido condenados 71 executores dos crimes e absolvidos 49 e condenados somente 19 mandantes, dos quais nenhum se encontra preso. Ou aguardam julgamento das apelações em liberdade, ou fugiram da prisão, muitas vezes pela porta da frente, ou morreram. Fonte: <http://www.cptnacional.org.br>

qualidades. Enganar os índios onde e quando podem, parece-lhes ação não só lícita, mas muito boa.

Segundo dados do ISA (2010), existem hoje no Brasil 563 terras indígenas totalizando 100.009.427. Há, ocupando o percentual de 11,74% do território nacional. Na Amazônia Legal são 371 terras indígenas, ocupando uma área de 98.766.430 há.

Os Tembés do Guamá e do Gurupi estão localizados na área intitulada Alto Rio Guamá e a mesma tem seu decreto assinado pelo interventor federal Joaquim Magalhães Barata, no ano de 1945, mas a demarcação ainda hoje é alvo de entraves jurídicos impetrados por grandes empresas da região que invadiram o território da RIARG. (GOMES, 2002.)

Vários são os momentos em que os Tembés foram lesados quanto ao domínio da área da reserva, mas um dos momentos mais críticos aconteceu em 1970 quando a Companhia Agropecuária do Pará (subsidiária da Swift Armour) ao obter certidão negativa da FUNAI invadiu 11.000ha sobre a reserva. Este fato desencadeou outras invasões sobre o território dos Tembés, pois até então os camponeses que habitavam as cercanias da reserva e apenas cultivavam pequenas roças, motivados por esta invasão passaram a fixar moradia e fundar povoados. Hoje esta população está estimada em pelo menos 6.000 não índios que habitam a reserva. (MONTEIRO e BELTRÃO, 2009)

A reserva sempre foi alvo da ação de madeireiros da região, mas, no ano de 2008, estes empresários conseguiram cooptar alguns indígenas e lhes compravam madeiras a um preço irrisório. O fato teve fortes repercussões. O IBAMA precisou intervir na região expulsando madeireiros: a mídia local apresentou reportagens sobre a ação tanto do IBAMA como dos indígenas. O corte de madeira foi interrompido, máquinas foram apreendidas ou abandonadas no meio da mata. Os madeireiros, por sua vez, relatavam que realizam estas ações porque eram procurados pelos indígenas. Com a ação das lideranças que contou com a ajuda da Funai, o fato foi contornado e no Fórum Social Mundial realizado em Belém as lideranças Tembés reconheceram seu erro e pediram desculpas a população brasileira ¹⁴.

¹⁴ Este momento aconteceu quando da inauguração do espaço Tembé na UFPA (Universidade Federal do Pará, quando o Sr. Waldecy Tembé antes de iniciar a cantoria pediu a palavra e falou da importância daquele espaço para a comunidade Tembé. Fato presenciado pelo autor e mais uma centena de pessoas.

A RIARG está localizada em um ambiente socialmente hostil e sujeita a invasões. Ela faz parte do grupo de terras homologadas com registro no Cartório Regional de Imóveis, mas a demarcação física ainda está por ser feita¹⁵. O grupo do Guamá é o mais vulnerável por causa da maior proximidade a municípios de pequeno e médio portes, como Ourém, Capitão Poço, Garrafão do Norte e Santa Maria. Os Tembés têm que manter postura de vigilância perene para que suas terras não sejam saqueadas. Para tanto, as lideranças das aldeias utilizam o rádio para se manter informados sobre o que ocorre dentro da reserva e constantemente realizam reuniões entre as aldeias que estão mais próximas .

Ser índio e permanecer índio considerando todas as intempéries de invasões, de exploração de mão-de-obra, de luta por algo que é seu de direito e que os não índios insistem não aceitar, é tarefa árdua com conseqüências sobre toda a vida dos que insistem em permanecer índio apesar de todas as investidas da sociedade para menosprezar seu modo de vida, negar a capacidade de protagonismo histórico e tentar inculcar nestes povos a noção de povo menor, sem importância.

4.4. Rituais

Ritual, no sentido lato, refere-se a uma seqüência de atos, de palavras, de gestos requeridos por um determinado grupo para demarcar a importância de um momento ou situação que pode ou não ter conotação religiosa (MCLAREN, 1992). Bastide (1990, p. 59) defende que o rito não tem origem nas religiões e nem depende destas, apesar de ser essencial para elas. Segundo este autor,

Antes de ter sido um sistema de crenças, a religião foi um conjunto de ritos. Mas os ritos, pela explicação ou pela poesia neles contida, não se limitam á religião; há também ritos exclusivamente sociais. Podem ser encontrados, por exemplo, nas cerimônias do protocolo diplomático, no Ocidente ou nas grandes festas seculares.

¹⁵ As terras indígenas considerando o aspecto jurídico são assim classificadas: (a) *A identificar e em identificação*: o Grupo Técnico criado pela Funai realiza estudos para proceder identificação. Aqui também se enquadram terras com restrição de uso, pelos ocupantes não-índios, por um tempo determinado, enquanto são estudadas; (b) *Identificadas e aprovadas*: são aquelas aprovadas pelo presidente da Funai, após analisar os estudos de identificação elaborados pelo Grupo Técnico e determinar sua publicação no Diário Oficial da União. Podem ser contestadas; (c) *Terras Declaradas*: têm portaria do Ministro da Justiça declarando-as de posse permanente indígena e determinando que a Funai realize a demarcação administrativa; e (d) *Terras homologadas e ou registradas*: são as terras garantidas oficialmente para o usufruto exclusivo dos índios, porque já tiveram decretos presidenciais homologando a demarcação ou já foram registradas em Cartórios de Registro de Imóveis (CRI) /ou no Serviço de Patrimônio da União (SPU). Também fazem parte deste grupo as Reservadas, que são terras garantidas, porque foram criadas por decretos estaduais na época do Serviço de Proteção ao Índios (SPI), ou porque foram adquiridas pela Funai ou outros órgãos para assentarem comunidades indígenas atingidas por hidroelétricas.

Os ritos coexistem com a própria vida das comunidades, servem para manter a coesão da comunidade que é por eles celebrada. A própria sacralidade da comunidade é mantida pelos ritos. Nas comunidades onde há uma clara e distinta separação entre o mundo sacro e o mundo não sacro, ou sagrado e profano (Eliade, Durkheim), o rito serve para marcar o encontro entre os dois universos.

Durkheim (1973, 59) define religião como

Um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a entidades sagradas, isto é, separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os aderentes.

A definição condiciona a prática religiosa ao fator comunidade moral, que significa uma série de ensinamentos, doutrinas capazes de influenciar a vivência das pessoas. Durkheim defende ainda duas idéias: a religião se caracteriza pelos ritos e crenças, as crenças sistematizam as coisas em dois gêneros, o sagrado e o profano. As crenças são estados de opinião e os ritos são estados de ação, uma separação semelhante a que ocorre entre o pensamento e o movimento, as crenças são os pensamentos e os ritos os movimentos que representam estes ritos.

Mas estas categorias, distintas entre si, não podem dar cabo das possíveis análises sobre o cotidiano indígena, pois nem sempre as comunidades fazem esta separação nítida. Durkheim (1973, p.51) distingue ambos da seguinte forma:

O sagrado e o profano, sempre em todo lugar, foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, dois mundos que nada têm em comum. As energias que operam em um não operam em outro, aumentadas de algum grau; são de outra natureza. O modo de conceber tal antítese varia com as religiões. Variam as formas de constraste, mas o fato em si do constraste é universal.

Os Tembés não possuem muitos ritos coletivos que possam ser tidos como ritos religiosos, essa separação não é nítida e nem é incentivada. Aqui apresentaremos o Rito de passagem Festa da Moça, um rito da semana Santa e da Festa de São Benedito tendo como referencia a aldeia Teko Haw. As fontes destes tópicos são entrevistas com professores indígenas, e observação na festa da Moça e da Semana Santa.

4.4.1. Festa da Moça

A Festa da Moça na aldeia *Tekohaw* não tem uma data fixa¹⁶, pois a realização da festa tem estreita ligação com um rito de passagem vivenciado pelas meninas e meninos da aldeia com a chegada da puberdade: as meninas com o primeiro ciclo menstrual e os meninos com a mudança de voz, normalmente na faixa etária dos 11 aos 15 anos.

A Festa é voltada principalmente para as meninas, cuja participação é cercada de preparações e proibições. Os meninos também participam do ritual, mas não estão submetidos à mesma preparação. Ressalta-se que o rito em si se dá na primeira menstruação, a menina avisa a mãe, que logo a proíbe de comer qualquer comida e sair sozinha. Percebe-se que este momento é cercado por vários tabus e estes acreditam que a moça está suscetível a todo tipo de perigo, por isso requer uma atenção especial. Neste período, não podem tomar banho no rio, pois os espíritos da água ou da mata podem fecundá-la ou trazer-lhe doenças. Relata-se que havia meninas que já estavam esperando a festa ou cerimônia há mais de um ano, pois sua menarca chegou antes das demais meninas e esta espera varia de menina para menina.

Dias antes da Festa da Moça, cada menina participante do ritual oferece para sua aldeia uma festa chamada mingau da moça, cuja cerimônia começa às 19h e vai até o sol nascer. A festa é coordenada por Dona Verônica, mantenedora da tradição e dona do conhecimento do preparo de remédios para as meninas, como os para evitar as cólicas, doenças, infertilidade entre outros, para assim garantir boa sorte. Todas as meninas só podem passar pela Festa da Moça se realizarem essa etapa. Há muita cantoria e distribuição de mingau de mandiocaba servidas pela menina moça. Este mingau tem que ser preparado e servido pelas moças que irão participar da Festa

Quanto à alimentação, as meninas passam a obedecer a uma dieta alimentar nas quais peixes e caças são bem vindos, sendo que pássaros estão fora do cardápio. Este regime só é quebrado no último dia da festa, entretanto, percebemos transformações neste ritual, segundo relatos antropológicos de Galvão e Wagley que estiveram com os Tenetehara no período de 1941 a 1945:

¹⁶ A Festa da Moça que pudemos observar ocorreu no mês de abril do ano de 2005 e o seu registro contou com a colaboração de Aline Duarte da Costa.

Antigamente, tanto rapazes como meninas submetiam-se a um período de isolamento que antecedia os ritos de puberdade... Durante esse período não podem comer carne, somente milho, mandioca, farinha e mingaus. Uma vez ou outra, pequenos peixes considerados inofensivos lhes são servidos. A água que bebem deve ser ligeiramente aquecida. (GALVÃO E WAGLEY, 1961, p.88).

Na atualidade não se segue uma reclusão, mas sim um afastamento de atividades individuais que só podem ser feitas na companhia de alguém, quanto à dieta, se fizermos comparações, observa-se que houve modificações.

Na tradição dos Tenetehara, dias antes da cerimônia observada, os homens saem para caçar cedo e retornam ao anoitecer por uma semana, enquanto as mulheres confeccionam os artefatos que as meninas e os meninos utilizarão no ápice da festa, que se dá no último dia.

As mulheres são responsáveis pelo preparo dos alimentos. Estas normalmente são as mães dos donos da festa, que moqueiam¹⁷ as caças todos os dias. Desta prática advém a outra denominação dada à festa da moça: festa do moqueado

Assim, toda comunidade organiza-se para que haja fartura e que todos convidados compartilhem dos alimentos. O banquete é composto por: nhambu, mutum e porco do mato. Sendo que o mutum, refeição especial, depois de moqueado é socado com farinha para poder ser degustado pela comunidade.

A Festa da Moça acontece no centro da aldeia,

na Ramada. No dia da festa, pela manhã, as meninas e meninos são pintados de jenipapo e adornados para assim começar a Festa. Em par e dispostos em fila indiana, e após se acomodarem com seus pares, cada moça entrega um punhado de paçoca de nhambu¹⁸, somente aos mais velhos.

O gesto de distribuição da paçoca aos mais velhos denota uma das características desta etnia que é o respeito aos mais velhos, que servem sempre como referencia aos mais novos..

Em pares, rapazes e moças começam a dançar, em disposição circular, numa sincronia de passos e pequenos pulos que ratificam sua tradição. Com muita alegria e muita disposição as lideranças, os caciques, crianças, jovens, adultos e até índios de outras etnias participam cantando e dançando em um ritmo

¹⁷ Modo de conservação indígena de alimento.

¹⁸ Mistura-se a carne desse pássaro com farinha d'água, socado no pilão.

extasiante sob a marcação de maracás. As meninas e meninos são o centro da festa e comandam as danças.

Esta momentânea concessão de posto hierárquico para as meninas e rapazes, como a possibilidade de comandar as músicas pode ser considerado um ensaio para momentos futuros, como também a necessidade de demonstrar o sentido de unidade e necessidade de compartilhar o que é da tribo.

Os homens mais velhos sempre iniciam as músicas e as mulheres aparecem como segunda voz. Esse repertório e o uso de *tawari* (cigarros) são significativos para os Tembé, já que é um convite às entidades da natureza como: curupira, mãe d'água, bacurau, pássaros, entre outros, serem incorporados pelos índios e esta participação é um dos momentos mais importante. No ritual que pude assistir, havia a presença de um guariba¹⁹ que foi caçado, moqueado e adornado para participar da cerimônia. Este guariba é respeitado pelos membros da tribo, que o enfeitam e dançam para que o seu espírito se faça presente, trazendo muita caça no decorrer do ano.

O aspecto religioso se fez presente na incorporação do espírito do bacurau pelo Sr Manené. Ao possuí-lo, ele tomou para si o comportamento desta ave, se agachando como tal e fazia gestos de que colocava ovo

Outro exemplo presenciado, foi a menina Ma'i que ao dançar e entoar as músicas incorporou uma entidade não identificada. E a jovem, que estava em transe, começou a dançar em ritmo frenético se destacando das outras meninas, com euforia em seu jeito de dançar e cantar, para em seguida, subitamente mudar de voz e começar a gritar e ao fazer gestos e bocas, caindo repentinamente, desmaiada por alguns segundos. Depois retornou ainda com a entidade e voltou a dançar, , mas agora com uma expressão de dor. Neste período, os mais velhos fizeram várias tentativas para tirar a entidade do corpo da menina: chocalhavam com o maracá²⁰, davam água, massageavam seu corpo, mas ela permaneceu em transe por cerca de uma hora. A última tentativa foi a de Paulo Sérgio Tembé, filho do Pajé²¹, possuidor de dons místicos. Ele passou a entidade do corpo da menina para o seu, tombando ao chão e debatendo-se por alguns segundos, enquanto a menina voltava ao estado de consciência. No entanto, depois de alguns

¹⁹ Macaco grande

²⁰ Dizem os mais antigos que ao chocalhar o maracá a entidade sai do corpo.

²¹ O pajé que é o guia espiritual da tribo, neste dado momento não se fazia presente.

minutos a menina incorporou novamente e a entidade permaneceu até o término da festa, quando os cantadores encerraram a música. Então a entidade saiu por vontade própria.

Segundo Paulo Sérgio Tembé, relatou em uma de nossas conversas, a entidade havia “engraçado-se pela pessoa da menina”. Na descrição de Galvão e Wagley sobre o mesmo ritual, temos o relato de uma situação semelhante :

(...) em meio às danças e cantos, os pajés começaram a chamar os sobrenaturais, seus familiares. Sopravam e aspiravam em grandes cigarros, engolindo baforadas de fumaça até intoxicar-se, tal como fazem durante as curas. Moviam-se entre os dançadores e com canções peculiares, diferentes daquelas entoadas pelos participantes da festa, invocaram os sobrenaturais (...). Na sessão realizada dias após a festa da puberdade, os pajés se exibiram de maneira extraordinária. Se deles, acompanhados de vários noviços, participaram: André e Inácio caíram simultaneamente em transe possuídos por azáng (espíritos errantes de mortos; espíritos de animais). Inácio tombou pesadamente ao chão, o corpo enrijecido, braços estendidos e punhos fechados. Permaneceu inconsciente cerca de trinta minutos, após o que voltou a si, sem porém levantar-se. Ficou ajoelhado algum tempo a puxar no cigarro, demorando-se bastante para erguer-se e finalmente reunir-se aos que dançavam sob a influência de azáng... Caetano, por exemplo caiu duas vezes possuído por ywán, o dono da água. Abrindo a camisa que vestia esfregou a brasa do cigarro na pele (GALVÃO e WAGLEY, 1961, p.92).

Na Festa da Moça, este estado de êxtase religioso deve-se ao uso de *tawari* (cigarros), repetição de danças e músicas que trazem em suas letras um convite ao sobrenatural. Para alguns, que estavam cantando, dançando e fumando, a incorporação de entidades era quase instantânea, neste caso houve o transe pelo fato deles terem se estimulado para que o fenômeno aconteça, porém deve-se dizer que nem todos que praticavam esse comportamento foram alvos do fenômeno.

Após muitas danças e cantos que terminam ao sol poente, todos se retiram da ramada, direcionam-se apenas os homens ao centro da aldeia e as mulheres ficam a observar. Estes homens dão os braços uns aos outros em forma de cadeado, correndo de um lado para outro.

O desconhecido se faz presente para ser sentido, visualizado durante o transe dos presentes e das moças e rapazes que estão entrando em uma situação nova de vida. Este ritual não é desvinculado de sua vida cotidiana, no qual as moças e os rapazes passam por mudanças percebidas por todos da aldeia. A aldeia percebe a necessidade de uma sintonia com este Transcendente para que sua vida cotidiana não sofra alterações e continue tendo significado. Neste sentido, é

importante o depoimento de um dos líderes dos Tembé - Tenetehara, que bastante emocionado nos falou:

(..) a mamãe teve um grande esforço para que nós não deixássemos de falar a nossa língua, de fazer a nossa cultura, isso nós agradece (...) acredito que se ela não tivesse essa força, essa preocupação, nós não taria fazendo a nossa tradição. (Sergio Muxi Tembé, Líder da aldeia Teko Haw, 2005).

A partir da Festa da Moça, meninas e meninos estão prontas para casar e os que se recusam são amaldiçoados, não tendo longevidade e saúde, segundo Dona Verônica, guardiã da tradição Tenetehara, que comandou passo a passo o rito.

4.4.2. Semana Santa

Não há na aldeia Teko Haw a presença de alguma instituição religiosa, ainda que a primeira experiência de escolarização da aldeia tenha sido implantada por um missionário evangélico²², que exista na aldeia uma pequena capela erguida em homenagem a São Benedito e que circule na escola um evangelho de São Marcos na língua Tembé. Estas presenças não podem ser consideradas marcas de identificação religiosa da aldeia. A primeira marca ficou na lembrança dos mais antigos, a capela de São Benedito não é freqüentada com assiduidade, sendo aberta apenas na Festa do santo; e o evangelho em Tembé continua estocado na secretaria da escola. No entanto a Semana Santa na aldeia é um momento ímpar.

A Semana Santa, na realidade dura duas semanas: na semana que antecede a Semana Santa os homens da aldeia vão para as matas para caçar jaboti e junto levam as crianças que já podem estar junto. Não vão todos juntos, mas por famílias ou grupos mais próximos, ficam em média dois dias nas matas, só retornando com os animais devidamente amarrados e empilhados. Nestas duas semanas a escola fica sem funcionar. Os professores permanecem na aldeia, mas os alunos não vão para a sala de aula

Desde o sábado cessam as atividades de pesca, de caça, também os banhos no rio não são aconselhados, como também os jogos de futebol. As pessoas se reúnem nas casas para jogar baralho ou dominó, isto durante todo o dia, na sexta-feira-santa o jogo de baralho adentra a madrugada e muitos deles amanhecem jogando. Normalmente a aldeia não é muito barulhenta, mas em dias normais se

²² Os informantes não souberam explicitar a que igreja pertencia o missionário

pode ouvir em uma e outra casa músicas, rádios e CD-players tocando algumas músicas que fazem sucesso, tanto em Belém como no resto do país. No entanto, durante a semana Santa este silêncio é ainda maior, não se ouve estes ruídos comuns destes dias comuns.

No ar exala um cheiro de casco de jabuti assado, prato preparado por todas as famílias. Normalmente se acende o fogo a lenha e sobre este fogo coloca-se o jabuti que morrerá com o calor, depois de algum tempo o animal é retirado do fogo e as pessoas vão sacando partes e as saboreando.

Na sexta-feira o cheiro é mais forte, pois em quase todas as casas pode-se encontrar um jabuti sendo preparado. Algumas famílias costumam mandar um ou vários animais para algum parente ou amigo que viva em uma das outras aldeias e que por um motivo ou outro não possa mais ir até a mata caçar, ou que esteja morando em uma aldeia onde esta tradição não exista.

Mesmo que este costume seja mantido somente com a caça também pode ser demonstração de posse, demonstração percebida pela forma de preparo como também dos acompanhamentos, quanto maior a quantidade de acompanhamentos significa maior gasto. As famílias com maior poder aquisitivo convidam as outras para fazer a refeição da sexta-feira em suas casas, coincidentemente as casas onde não faltam paredes são aquelas que preparam variados pratos.

À primeira vista pode-se imaginar que todas estas interdições como caçar, jogar futebol, que tem características semelhantes aos costumes católicos de não comer carne e de não fazer muito barulho, se dá também em respeito ao sofrimento de Cristo. No entanto, entre os Tembé isso se deve à uma forma de manter vivo o seu universo religioso, ou de manter “os nossos deuses” como afirmou o professor Renato.

Os Tembé acreditam que os locais são povoados de espíritos e estes espíritos podem ser bons ou ruins. Um morador nascido e criado na aldeia, relata o seguinte sobre este momento:

Nesse período, Deus está um pouco triste, triste e não toma conta de todos os espíritos. Então todos os espíritos estão soltos e ficam aparecendo para as pessoas e malinando, fazendo o mal para as pessoas. Se for caçar vai encontrar espíritos, se for pescar também. Não é bom entrar nas matas nem nos rios. O meu filho uma vez desobedeceu e acabou se perdendo na mata, depois ele contou que viu umas coisas diferentes que correram atrás dele. Ele chegou muito mal aqui. No sábado a

gente pode ir caçar que tira a panema²³ que se concentrou ao longo do ano (Francisco Tembé – Semana Santa de 2010)

Um dos componentes do universo mítico dos Tembé é exatamente a crença nos espíritos das matas e das águas, um universo que comporta a dualidade bem e mal. Mas se a pessoa agir de forma correta nos moldes que a tradição comanda não há chance para que seja capturado pelo lado negativo.

O sábado de “aleluia” como se referem os católicos, na aldeia Teko Haw   como um despertar de um longo sono. As pessoas que passaram a noite jogando cedo, 5h da madrugada iniciam alguma atividade, pode se ouvir alguns sons que estavam ausentes. No sábado em que estávamos presente, as 5h da manhã um grupo de rapazes começou a roçar o campo de futebol, trabalho que era acompanhado pelas brincadeiras entre si. O roçar foi resultado de uma aposta feita entre dois times de futebol que apostaram que o perdedor ro aria o campo no sábado.

4.4.3. Devoção a São Benedito

Ao entrar na aldeia Teko Haw, o visitante passará pela casa de farinha e logo depois avistar  a ramada, o campo de futebol, a escola e passará bem ao lado da *tupan erepy* (Casa de Deus), que é uma ermida erigida em homenagem a São Benedito que se sobressai na paisagem por ser toda pintada em verde bastante chamativo.

A construção   toda em madeira, com o piso em cimento e telha de cimento amianto, medindo em torno de 12 m². A ermida guarda somente um oratório e alguns instrumentos musicais como tambor e maracás usados durante a festa de São Benedito. O oratório traz ao centro a imagem de São Benedito em tamanho destacado e apresenta o santo carregando em seus braços um bouquet de flores, há uma outra imagem menor do mesmo santo só que em seus braços encontramos o menino Jesus. Também encontra-se no oratório as imagens de São Pedro, de Santo Antonio, nossa Senhora de Nazaré (padroeira dos Paraense católicos), de São Sebast o, Santa Rita de Cássia e de Santa Luzia. Aparece também uma estátua de uma galinha branca um pouco destoante do enredo.

²³ Situação em que a pessoa tudo que faz d  errado, não consegue acertar um animal, não pega nem um peixe...

A ermida- passa a maior parte do tempo fechada, sendo aberta em dois momentos especiais: durante a Semana Santa e durante a festa de São Benedito, quando então passa dia e noite aberta.

Figura 10. Ermida de São Benedito na aldeia Teko Haw



Fonte: acervo pessoal

Figura 11. Santuário de São Benedito



Fonte: Acervo pessoal

A culminância da festa acontece no período entre 18 e 26 de dezembro, quando há um período de preparação em que o Santo percorre as aldeias da região arrecadando doações para a festa. Normalmente as doações são em produtos produzidos e ou criados pela própria aldeia, farinha, algumas frutas, galinhas.

Às 18 h ocorre a reza em frente a ermida, puxada por uma liderança. Reza-se um Pai Nosso e Ave Maria e há cantos em Português e a oração a São Benedito. Após a reza então acontece o aspecto “profano” da festa, há danças

movida a musica tocada por meio eletrônico, há também o consumo de bebida alcoólica. Durante a noite acontecem leilões com as ofertas arrecadas junto às aldeias²⁴. Cada noite tem um “dono”, um responsável pela festa naquela noite. A festa é comandada e patrocinada pelo responsável e seus “achegados”, aqueles que fazem parte da família extensa. No entanto a festa não acontece só no período da noite.

Há um café da manhã e um almoço servidos na ramada, normalmente carne de boi, feijão, arroz e farinha. Tudo patrocinado pelo dono da festa. “Não é qualquer um que pode ser dono da festa, precisa ter posse” (palavras do informante). A família fica dona da festa de meia noite a meia noite do dia seguinte. Os donos da festa não precisam ser necessariamente moradores da aldeia, mas precisam ser autorizados pelos membros da aldeia.

A festa chama atenção por se tratar de uma tradição pouco comum na região do Gurupi. No estado do Pará a devoção a São Benedito se concentra na região nordeste. Há duas versões para o surgimento desta tradição na aldeia: a primeira aponta para os contatos com os remanescentes de quilombo que habitavam esta região e hoje estão localizadas pouco mais acima do rio Gurupi. De fato, nas aldeias Cajueiro, Teko Haw e Canindé encontramos negros residindo e com sobrenome Tembé. A outra versão é de que a ermida foi erguida pela capitoa Verônica Tembé em cumprimento a uma promessa feita quando do desaparecimento de seu filho nas matas, como o adolescente, na época foi encontrado com vida então a capitoa cumpriu a promessa. Ambas versões não se anulam pois é do contato com os negros da região que certamente D. Verônica conheceu a São Benedito

Os rituais, a luta pela terra, cumprem dois papeis fundamentais: um é a coesão da aldeia e o outro é a manutenção do status que aldeia possui entre os Tembé; a mais autentica, a que mantém a tradição, a língua, “aonde de fato a gente encontra índio do puro”²⁵.

Este panorama sobre os Tenetehara e mais especificamente sobre os tembé da aldeia Teko Haw fez-se necessário como preâmbulo para discutirmos a relação entre a escola e a comunidade indígena. A legislação brasileira já assegura que a

²⁴ O informante nos afirmou que o dinheiro arrecadado serve para melhorar a festa do próximo ano.

²⁵ Professora não indígena.

vida da aldeia, sua história, seus conhecimentos façam parte do componente curricular da escola e esta, enquanto artefato a serviço do grupo, ao desconhecer temas como litígios fundiários, contatos, crenças, modo de vida demonstrará a relação que desenvolve com a comunidade. Desconhecendo estes fatos a escola fixa-se como “escola em área indígena”, característica que não privilegia a comunidade serve como instrumento da política indigenista integracionista que, constatou-se, poucos benefícios ou nenhum benefício acrescentou a estas comunidades.

A festa da Moça acontece em diversas etnias do ramo Tupi, no entanto, no estado do Pará entre os Tembés, somente a aldeia Teko Haw ainda a realiza, mas, no caso da Semana Santa e a festa de São Benedito, elas são únicas na região. . Esta especificidade denota o protagonismo desta comunidade que não se atém a reproduzir aspectos de outras, mas os desenvolve de maneira própria, preferem influenciar a serem influenciados. Esta forma de relacionar-se com o entorno reflete no cotidiano da escola que segue, curricularmente falando, sendo *escola em aldeia*, mas aos poucos vai se tornando escola da aldeia com os avisos que a cultura escolar envia de forma constante.

Em 1945 acontece o reconhecimento das terras indígenas do alto Rio Guamá e este permanece sendo um marco de luta pela conquista da terra, no entanto, a luta maior travada pelo povo tembé do Guamá, do Gurupi e os de Tomé-Açu permanece sendo pela manutenção de suas terras. Nesta luta, a legislação é uma aliada, mas que infelizmente pouca força tem diante dos insistentes atos de invasão. Neste sentido nem como aliada a escola tem se posicionado, pois se apresenta como um corpo neutro, mas a comunidade requer uma tomada de posição e esse requerimento pode explicar alguns conflitos entre ambas.